



O Renascer da Fénix

À SOMBRA DO CAOS

Rita Gonçalves



Título Original: O Renascer da Fénix

Autora: Rita Gonçalves

Copyright © Rita Gonçalves

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Tânia Roberto

Imagem de Capa: Pixabay

Marketeer: Tânia Roberto

1ª Edição: julho de 2024

Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 535661/24

ISBN: 978-989-9166-71-4





Prólogo

Não podia definir o grau de errado de tudo o que havia feito até aqui. A rapariga conseguira fazer com que saltássemos o terceiro muro de uma enorme propriedade. A noite ameaçava fustigar-nos com chuva, mas tudo o resto parecia a nosso favor, não havia movimento. O vento não corria e tudo parecia simples, exceto o facto de termos de subir ao terceiro andar da mansão sem sermos vistos.

Ela gesticulou para que a seguisse, e eu não hesitei. A única coisa que a rapariga me disse em concreto, desde o início da noite, fora simplesmente para fazer o que ela dizia e tudo correria bem. E essas tinham sido as únicas palavras dela até ao momento, o restante da comunicação traduzia-se em gestos.

Contornámos o enorme edifício pela esquerda, agachados nas sombras, até ela parar por baixo de uma janela que se abria de par em par.

Esticou-se e espreitou lá para dentro, depois acenou-me com a cabeça e fiz-lhe um pé de ladrão, ela apoiou-se no parapeito e pôs um pé no meu ombro para se equilibrar enquanto forçava a fechadura. Embora voluptuosa, com curvas acentuadas no corpo, a rapariga era ágil e leve, e esgueirou-se lá para dentro num ápice. Dei dois passos atrás ganhando balanço, saltei, apoiei um pé na parede e atirei metade do corpo para lá da janela, agarrando-me com as mãos.

Quando me endireitei, deparei-me com uma interminável cozinha, decorada em tons antigos, com tachos e conchas de bronze impecavelmente polidos, pendurados sobre uma enorme mesa de mármore preta no centro. Os armários eram de madeira e nas bancadas nada estava fora do sítio.

A rapariga, silenciosa como um gato, parecia saber exatamente que caminho seguir. Já tinha atravessado o espaço e aguardava-me impaciente à porta, do outro lado. Corri até ela e saímos para um gracioso *hall* de entrada, decorado com mármore branco e, mesmo na escuridão, a pedra brilhava, impecável e implacável, como se tivesse sido colocada nesse mesmo dia.

Segui-a escadas acima, os seus pés mal tocavam o chão e só se ouvia o som dos meus ténis a bater pesadamente na carpete que decorava as escadas. Quando chegámos ao topo, a rapariga apontou para a direita e vi-a seguir pela esquerda, desta vez extremamente cautelosa, como se esperasse ver qualquer

uma das portas do corredor a abrir-se de repente. Virei-lhe costas e segui o meu caminho. Não me preocupei em colar-me à parede, o corredor estava na penumbra e não esperava, de facto, encontrar nada.

No caminho, a rapariga dissera que existia milhentos seguranças, que íamos procurar mais do que mero ouro ou bens, que havia documentos secretos escondidos. Não estava minimamente interessado nisso. Precisava de outro tipo de papel.

Ao longo do corredor escuro, consegui perceber que havia quadros pendurados. O único que consegui, de facto, vislumbrar — talvez por causa do contraste de cores — apresentava a forma de uma mulher com um vestido comprido e uns lábios a destacar-se na pele pálida.

Finalmente, vários minutos depois, cheguei ao final do corredor e virei-me para trás, pronto para voltar às escadas, porém, reparei numa luminosidade vinda do teto.

Num contorno extremamente fino, um quadrado tinha sido desenhado. Não, recortado. Passei alguns momentos a tentar compreender até que percebi. Um alçapão! Devia haver uma forma de o abrir.

Estiquei os braços e tentei perceber se havia alguma corda, mas não apanhei nada, por isso, comecei a apalpar as paredes. Junto ao último quadro, quase colado à parede do fundo, senti um interruptor, o qual premi sem hesitar e vi o alçapão desfazer-se numa escada silenciosa. Olhei para o relógio digital no pulso, 4h23 da manhã. Segundo o que a rapariga dissera, o dono da casa acordava às cinco da madrugada todos os dias, o que significava que o tempo se estava a esgotar. Subi as escadas, expectante, e fiquei embasbacado quando plantei de novo os pés no chão.

Uma biblioteca! Havia todo um conjunto de estantes e livros imaculados, protegidos, de aspeto importante, muitos com letras trabalhadas, douradas e vermelhas, e isto era apenas o que estava ao alcance da minha fraca vista. Junto ao alçapão, porém, havia uma gigantesca e trabalhada secretária, com uma pilha de folhas desalinhadas, como se estivessem a ser estudadas. Bingo!

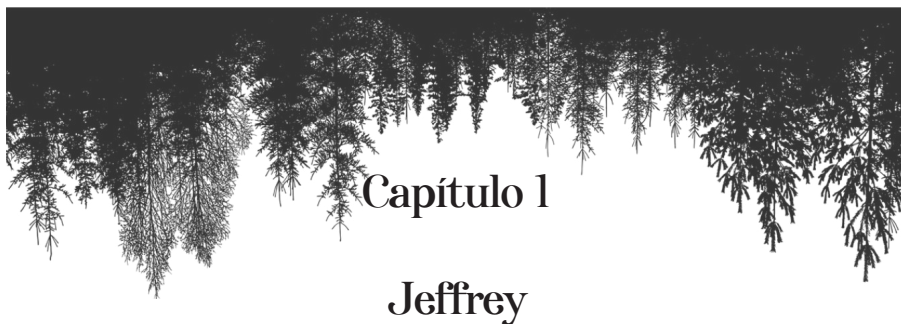
Dobrei-me sobre o papel e comecei a procurar algo de interesse, mas não precisei de muita pesquisa para entender o que se passava.

Então, era este o motivo para a procura ser por documentos e não por bens! Devia calcular. Apenas alguém mais poderoso poderia desviar o homem para quem trabalhava. Absorvi tanto quanto pude, peguei numa das pilhas de folhas com o intuito de as guardar, mas alguém me chamou.

— Jeff? Mas que raio! O que é que estás a fazer!?

Senti-me empalidecer e encarei a voz.

— Alex?



Capítulo 1

Jeffrey

Entrei na loja de conveniência fazendo soar a velha sineta, e o Albert, ou Bert, como insistia que o chamasse, veio a correr, se assim se podia dizer. O velho, quase na idade da reforma, coxeava da perna esquerda devido a um AVC que tivera anos antes, uma das primeiras histórias que partilhou por lá tantas vezes.

— O que vai ser hoje, cachopo? — perguntou a aguçar a vista, para confirmar que era eu, com um cesto vermelho nas mãos.

O homem começara a insistir na amabilidade de encher o cesto por mim depois de perceber que aquela seria a minha loja de referência. Apesar de não ser a ideal, era a mais próxima e possível de alcançar em quinze minutos a pé.

— Hoje levo pouca coisa, Bert. — Estendi-lhe a folha que a Diane escrevera, e o homem estudou-a.

Ele era mais baixo do que eu, talvez da altura da minha namorada, o cabelo quase todo branco e muitas rugas salientes no rosto. Era, no entanto, um homem bastante afável.

— Posso oferecer-te um copo do meu vinho caseiro? — perguntou, procurando nas prateleiras o que vinha na lista.

— Não se incomode. Sou mais de cerveja — respondi atrás dele, com as mãos nos bolsos.

— Vocês hoje em dia não dão valor a estas coisas, não é verdade? Preferem uma multidão barulhenta a um convívio numa adega. No meu tempo... — contou — as nossas desgarradas eram em torno do melhor vinho da aldeia, o melhor pão caseiro ou da galinha que dava mais ovos.

— A nossa geração está perdida. — Encolhi os ombros.

— Não creio que esteja — contrapôs. — Acho é que não dão valor aos pequenos momentos. Vivem a correr como se a vida terminasse amanhã.

Sorri para as suas costas meio curvadas e, quando ele terminou de encher a cesta, foi para a caixa registar os artigos.

— Quando trouxeres a tua senhora, quando ela se sentir melhor, digo eu... — ajeitou os óculos no rosto para ver o preço da farinha —, eu ofereço-vos um pão feito no forno a lenha pela minha Ju.

Pousei uma nota no balcão e peguei no saco.

— Obrigado, Bert. Só por causa do pão, espero que seja em breve.

A estrada que dava para o *Motel* não tinha passeio, pelo que teria de ir pela berma meio atento aos carros que passavam a alta velocidade.

O dia estava encoberto, o que significava que a minha Diane poderia estar sentada num pequeno banco à janela à espera de que chovesse, porém, quando lá cheguei não vi os seus caracóis à espreita e as cortinas tapavam o interior do quarto setenta e sete.

Acenei à Eleine, a dona do *Motel* que passava os dias na pequena cabine da receção, e entrei no quarto.

— Ainda bem que chegaste! — A Diane sorriu debruçada sobre a cómoda, a mexer convictamente o conteúdo de um alguidar. — Preciso da farinha.

Beijou-me suavemente e tirou-me o saco das mãos.

Tínhamos improvisado uma bancada. O quarto não era grande, o que significava que, assim como a cama servia de mesa de jantar, a cómoda servia de cozinha.

Dias depois de termos chegado ao *Motel*, percebi que a minha namorada estava diferente. A Diane havia começado a procurar flores resistentes ao inverno, em torno do edifício, para pôr numa jarra à janela e insistia em ter sempre um bolo para comermos.

Uma semana mais tarde, prescindimos das limpezas da Eleine, para as fazer ela própria. As nossas conversas baseavam-se em decidir o próximo doce a fazer e nas boas memórias que tínhamos juntos, como o nosso encontro no coreto ou a festa do seu 18.º aniversário em que nos havíamos beijado pela primeira vez.

No entanto, evitava continuamente falar de assuntos maus, em particular da Janet, a sua irmã mais velha. A única vez que eu insistira em falar no assunto, a Diane acabara por fugir, voltando horas mais tarde com as primeiras flores para a jarra e um sorriso de criança no rosto.

— Trouxe arroz de pato para o almoço — informei, espreitando a massa do bolo.

— Não havia mais nada? — perguntou, misturando a farinha ao preparado com uma colher.

— Apenas o costume. — Pousei-lhe uma mão na anca. — O Bert disse que nos dava pão caseiro quando lá fosses.

— Amanhã agradece-lhe, mas eu posso fazer pão. — Olhou para mim com determinação. — Queres que faça?

— Se te deixar feliz — sorri-lhe sem grande convicção. As únicas alturas em que o meu anjo saía daquele quarto era para procurar as ditas flores, fora isso, limitava-se às quatro paredes.

Depois de pedir à Elaine que cozesse o bolo e aquecesse o arroz e, enquanto a Diane tomava um banho, ouvi um bater leve na porta.

Quando a abri fiquei surpreendido. Era o Alex com a sua habitual expressão serena e as mãos nos bolsos. Aquilo só significava uma de duas coisas: ou algo corraera mal, ou podíamos voltar às nossas vidas.

Não o via desde que me passara um maço de notas para que desaparecesse com a Diane por uns tempos. Já tinha passado um mês e meio.

Durante esse tempo, o meu melhor amigo manteve-se igual, à exceção da barba por fazer e do cabelo que agora lhe ia muito abaixo dos ombros.

— Podemos falar? — perguntou.

Olhei para a porta da casa de banho e depois para a chuva miúda que, entretanto, começara a cair. Empurrei-o para longe da porta, fechando-a atrás de mim.

— Vamos lá para trás. — Apontei para as traseiras do *Motel*.

O Alex seguiu-me pelo lado contrário à cabine da Elaine, até ficarmos protegidos por um alpendre com vista para o mato e para um restaurante fechado há muito tempo. Sentou-se numa cadeira velha e eu fiz o mesmo.

— Tanto tempo sem me veres e não me convidas a entrar? — perguntou.

— Ela não pode saber que estás aqui.

— Porque não? — Ergueu uma sobancelha.

— Porque ela não está muito bem — respondi, olhando para o emaranhado de pinheiros. — Digamos que não soube lidar com o que aconteceu.

— Passou-se? — adivinhou, ao que eu assenti.

— Acho que inconscientemente se transformou na Janet. Faz bolos quase todos os dias e recusa-se a falar de quem quer que seja se não de nós os dois. Não sai do quarto, não fala com ninguém e, quando tento puxar por ela, é como se não conhecesse nenhum dos amigos. Fica a olhar para o vazio e depois desvia o assunto — desabafei.

— Achas que é definitivo ou passa-lhe?

— Não sei. — Olhei para ele. — Mas acho que não vieste aqui só para ver se estava tudo bem.

— Vim para trazer notícias. — O Alex recostou-se desleixadamente, com as pernas estendidas para a frente e os braços descaídos sobre a cadeira velha — Boas e más.

— Passei a mão no rosto e suspirei.

— Vamos lá então. Não te acanhes.

— A Janet pôs a casa à venda — começou. — Ainda não sei onde tem ficado.

Nunca mais voltou lá e não a vejo na *Central*. — Fez uma pausa. — O que quero salientar é que quando voltarem, a Diane não tem casa.

— Talvez não voltemos — disse-lhe ante a informação.

— Voltam. — O Alex falou como se fosse algo inevitável. — E talvez mais cedo do que o previsto.

— E pensas que vamos ficar aonde? Na rua?

— Vão ficar na tua casa. A Bea ainda não voltou.

— A casa não é minha e a Bea há de voltar. Mesmo que fosse para lá, não tenho trabalho, não estou a estudar e são mais duas bocas a comer.

— Eu resolvo isso... — começou, mas eu interrompi-o.

— Não, não resolves. Já fizeste demais por nós.

— E vou continuar a fazer. — Como se sentisse desconfortável, apoiou os cotovelos nas pernas. — Isto está longe de acabar.

Premi a cana do nariz com os dedos.

— Há mais. O Lucas não morreu — concluiu.

Olhei-o à espera de que se comesse a rir, mas ele não o fez. Na verdade, só houvera outra ocasião em que o Alex mostrara tanta seriedade e mal sobrevivera para contar a história.

— A amiga da Diane foi muito corajosa, mas falhou na pontaria. Ou isso, ou o tipo consegue fugir às leis do universo e desafiar a morte.

— Então a Janet está onde ele estiver. — Ele assentiu. — Não percebo — continuei. — Não sei se devo dizer-lhe ou não.

— Acho que deves, mas sugiro que comesses pelas boas notícias.

— Até agora ainda não me deste nenhuma. — Olhei-o de soslaio.

— Começa por dizer que a Anna está desejosa de a ver. — Soltei uma gargalhada. — É a melhor de todas as novidades. E a Nora e a tua irmã também estão bem, já que perguntas.

— Quão chateada está a Bea?

— Por acaso, depois de duas semanas a gritar comigo de cada vez que a ia ver, acho que acabou por entender.

— E a Nora?

— Diz que fugiste para casar com a Diane.

Sorri ao lembrar a cara de zangada que a minha sobrinha costumava fazer.

O Alex olhou para o relógio e levantou-se.

— Já que não me ofereces nada para beber, vou andando. — De um dos bolsos do casaco tirou um telemóvel de teclas e estendeu-mo. — Ligo-te em breve.

Voltámos a contornar o edifício até à minha porta, onde ele correu para um *Opel Corsa* com mais de vinte anos, para fugir da chuva.



Capítulo 2

Estávamos sentados na cama, de frente para a televisão a jantar sandes de atum. A Diane emagrecera a olhos vistos devido a estas refeições que consistiam em comida pré-feita na mercearia e sandes desenrascadas.

Passava um filme romântico e ela olhava para o ecrã com um brilho nos olhos.

— O nosso primeiro encontro foi mais bonito, não foi? — perguntou com a boca cheia. — Aquele do coreto, com uma vela e chuva. — Recordou pela enésima vez.

Pousei a metade da minha sandes no prato de plástico e segurei-lhe a mão livre. Ela inclinou-se para mim, pousando a cabeça no meu ombro.

— Meu anjo... — comecei, sentindo a sua pele arrepiar-se. — Tenho uma coisa para te dizer. — Quando ela não olhou para mim passei-lhe o braço pelo ombro, apertando-a. — A Anna quer ver-te, está com saudades tuas.

A sua respiração falhou duas vezes, mas, para meu descanso, ela suspirou e afastou-se calmamente.

— Porque não a convidamos para cá vir? — sugeri.

Por momentos, de tão espantado que fiquei, não respondi. Não estoirar ou evitar o assunto era um passo significativo.

— Porque não vamos lá nós? — incentivei.

A Diane mostrou-se confusa.

— E sair daqui? — balbuciou.

— Sim, vamos visitá-la e aproveitamos para mudar de ares, como umas férias. — Tentei soar positivo.

Após uns momentos em que mordiscou a sua sandes sem convicção e tornou a olhar para um espaço vazio muito longe do quarto, endireitou-se.

— Vamos e voltamos no mesmo dia? — Enrugou a testa.

Não tinha pensado nisso. Quando fôssemos, não voltaríamos, mas não lho podia dizer assim, tinha de ser cauteloso com as palavras.

— E se ela nos convidar a passar uns dias?

— Nem pensar! Não lhe podemos dar esse trabalho — quase ralhou.

— Então e se... — Fiz uma pausa. — E se ficássemos na minha casa? Podias ver a Anna dois ou três dias e depois logo se vê.

— E a tua irmã?

— A Bea ainda não voltou, parece que está a gostar de estar com os sogros — sorri.

— Mas a casa não é nossa. Ela pode voltar a qualquer momento. Talvez... — olhou para mim — se pedirmos à Jane? — Assim que o nome saiu, ela tapou a boca com as duas mãos como se tivesse acabado de dizer uma asneira.

Puxei-a para mim.

— Shh! Está tudo bem, meu anjo — sussurrei.

Mesmo depois de todo o tempo passado ali, escondidos e isolados, a Diane continuava a ter estas crises.

Após toda a pressão a que fora submetida, depois de saber a verdade sobre os pais, de ter exposto os amigos ao perigo, de ter sido raptada pelo namorado da irmã e ouvi-la dizer que para ela, a Diane morreria. Após tudo isso, aquilo que era a sua essência, esfumara-se. Fechou-se numa bolha e vivia num mundo só dela.

De tanto tentar ser o melhor para os outros, acabou por ser o pior para si própria. Uma característica só dela que levava a apaixonar-me e que, ao mesmo tempo, a levava a este estado.

Quando acordei no dia seguinte, a Diane não estava comigo. Também não estava na casa de banho, o que significava que estaria a apanhar flores. Porém, quando saí do duche e ela entrou no quarto, trazia consigo dois sacos de compras. Vinha com o cabelo apanhado e um sorriso nos lábios.

— O Bert não mandou o pão de que falou porque não sabia que eu ia lá, mas ofereceu crepes congelados — anunciou.

— Foste à loja? — Arqueei uma sobrancelha, enquanto secava o cabelo com a toalha.

— Sim, claro — disse num tom natural. — Se vamos ver a Anna e vamos estar fora uns dias, temos de estar preparados. — Pousou os sacos e começou a fazer a cama, enquanto eu me vestia.

— O que trouxeste?

A Diane dobrou o lençol sobre a colcha, pegou num dos sacos e foi despejá-lo em cima da cómoda.

— Recheio de frutos vermelhos para o bolo, arroz e massa para não comermos o que é da tua irmã, mas temos de ir comprar carne, e pão e queijo, para fazermos sandes pelo caminho — enumerou.

— Então vamos para minha casa?

— Para casa da Bea — corrigiu. — A nossa casa é aqui. — Olhava atentamente para o pacote de arroz.

Pensei em corrigi-la, por momentos, mas afastei a ideia. Não valia a pena gerar uma discussão quando ela dava um passo em frente.

— E no outro, o que trazes? — Desviei o assunto.

Virou o saco ao contrário em cima da cama e vi: um canivete suíço, três latas de *spray* gás-pimenta e um pequeno aparelho que não conhecia.

— Para que é isso? — Aproximei-me para ver melhor.

— Proteção — disse muito segura de si. — Este é para o caso de precisar de fugir. — Pegou no canivete. — Estes são para o caso de ser atacada na rua. — Apontou para as latas. — E isto é um alarme.

— Um alarme?

— Sim. — Tirou o objeto de dentro da caixa e explicou: — É daquelas coisas que se põe, por exemplo, nas chaves de casa. Eu fico com esta parte, e tu com esta. — Estendeu-me uma das metades que parecia um *fone* de ouvido muito grande. — Se eu apertar este botão, tu ouves aí.

A Diane exemplificou e um *bip* agudo soou na minha mão. Olhei para ela.

— Isto é mesmo necessário?

— Claro que sim! — respondeu muito séria. — Se eu precisar de ajuda, carregó aqui e tu vens ter comigo. — Olhou com atenção para o aparelho. — Se calhar devia ter comprado outro. Se me levarem, tens de saber onde estou e assim carregas tu no botão — concluiu num murmúrio.

Contornei a cama para me aproximar dela.

— Diane, não te vai acontecer nada — garanti-lhe.

Demorou alguns segundos a sair do seu torpor, mas depois olhou para mim a sorrir.

— Claro que não, tu estarás sempre comigo.

Forcei-me a sorrir e dei-lhe um beijo no topo da cabeça.

O anjo ficara com medo do mundo, e não sabia até que ponto termos ido para a pensão fora a melhor solução. Ao isolar-se, havia ficado com a certeza de que estava tudo bem. Se tivéssemos ficado por perto ela não teria ficado assim. Talvez o facto de ter de lidar com a realidade a tornasse mais prudente, mas não indefesa.



O Alex ligou-me de madrugada, duas semanas mais tarde. O telemóvel começou a tocar abafado pela almofada e eu apressei-me a ir atender na rua.

— Estou?

— *Mano, estou aí às seis* — disse e eu ouvia-o ofegante como se estivesse a caminhar.

— Às seis da manhã? — perguntei a esfregar um olho para afastar o sono.

— *Sim, vou sair agora e demoro duas horas.*

— Está bem, vou preparar as coisas.

Desliguei e entrei no quarto. Ela acordou com o barulho da tranca da porta e sentou-se na cama.

— O que se passa? — bocejou.

— O Alex ligou. Vem buscar-nos agora.

— O Alex? — Pareceu confusa. — Vamos com ele?

Tinha-me esquecido de lhe dizer.

— Sim. Vendemos o carro, lembras-te?

Ela assentiu e saiu da cama.

O seu pijama consistia num *top* justo e umas cuecas, por isso, quando passou por mim, segurei-a pela cintura.

— Temos tempo meu anjo — sussurrei-lhe ao ouvido.

A Diane ficou com pele de galinha e alguns dos seus caracóis ficaram mais espetados. Virou-se lentamente para mim e vi-lhe nos olhos verdes e na forma como as suas mãos passavam pelo meu tronco, o amor que sentia. Os seus lábios delicados encontraram os meus e puxei-a mais para mim.

De uma forma egoísta, esta era a parte boa de toda aquela situação.

Apesar dos traumas que reprimia, refugiara-se no amor. A cada dia que passava entregávamo-nos mais e o sentimento crescia. Ela agarrava-se a mim com todo o fogo que tinha dentro de si.

Mais tarde, depois de arrumar alguma roupa dentro das malas e de ela insistir que não valia a pena levar tudo porque iríamos voltar, fui à receção.

— Bom dia, jovem. — A Elaine tentava sorrir, mas o resultado era um esgar. — Madrugaste.

— Desculpe, Elaine. Estamos de saída.

— Já? — Pareceu acordar de repente. — Não gostaram de cá estar?

— Estamos aqui há dois meses — constatei. — Está na hora de voltar para casa.

— O que tenho aqui chega para mais duas semanas — informou, tamborilando com uma unha, que mais parecia uma garra, nas teclas do computador.

— Não se preocupe com isso. — Pousei a chave em cima da bancada. — Mas vão ficar umas coisas nas gavetas, talvez as queira pôr numa caixa.

— Se não levam tudo é porque voltam. — Olhou-me por cima dos óculos.

— Dificilmente. Ela apenas não quer levar tudo.

Nesse momento, o *Corsa* do Alex parou na gravilha ao pé do quarto e eu acenei à Elaine.

— Até à próxima.

— Adeus, rapaz. Façam uma visita à velhota um dia destes!



Capítulo 3

O Sol nascia no horizonte e a Diane olhava-o pela janela do banco de trás. Havia algumas nuvens no céu, mas eram claras, por isso a viagem devia ser tranquila.

O Alex trazia o rádio do carro ligado e umas olheiras escuras. Paramos numa estação de serviço a meio do caminho para bebermos café e a Diane, que desistira disso tudo, encaminhou-se à casa de banho, enquanto eu e o Alex nos sentávamos numa das mesas da cafetaria.

— Disseste à Anna que íamos? — perguntei-lhe.

— Sim, o primeiro sítio onde vamos é a casa dela — bocejou.

— Avisaste-a do estado da Diane?

— Como não sabia o que havia de dizer ao certo, disse-lhe só para não falar no que aconteceu. — Fez uma pausa. — Ela está realmente diferente — constatou.

— Ela acha que vamos só de visita e que voltamos depois para o *Motel*. Recusou-se a trazer a roupa toda.

— E já decidiste onde vão ficar?

— Em minha casa. Pelo menos assim eu fico com roupa para vestir. Achas que é seguro voltarmos?

— A *Central* parou. A cada dia que passa vejo menos movimento e, como te disse, nem sinal do Lucas.

— Mas ele tem de estar em algum lado — disse. — Como é que sabes que ele sobreviveu?

— A Janet ligou à Anna. Disse-lhe que os nossos planos não resultaram. Pelo que a Anna diz, ela também não está a bater muito bem da cabeça.

— Espero que ninguém se lembre de falar dela à Diane — suspirei. — E os outros, como estão? O David e a Mary Anne?

— Dado o que aconteceu, acho que estão todos bem. Talvez por ser a mais sensível, a que mudou mais foi a Mary Anne.

— Eles vão lá estar?

— Vão lá ter, sim — confirmou, acabando de beber o café.

Um *bip* começou a soar no meu bolso. Embora não fizesse caso ao início,

lembrei-me do aparelho que a Diane me dera e saltei da cadeira. Tirei-o do bolso e olhei na direção das casas de banho, sem a ver.

— O que se passa? — perguntou o Alex, alheio.

— A Diane. Está a apertar o botão de pânico.

Comecei a atravessar a cafetaria e o Alex veio atrás de mim.

— Tens a certeza de que estamos seguros, Alex? — perguntei, enquanto olhava em redor a tentar reconhecer alguém, porém, àquela hora, o lugar estava praticamente vazio, tirando alguns camionistas a fumar no exterior.

Quando chegamos ao pequeno corredor que separava a casa de banho masculina da feminina não hesitei em entrar pela porta da direita, empurrando-a.

A Diane estava sentada no chão junto aos lavatórios, com as mãos sobre os caracóis a premir o botão de pânico e a cabeça pousada nos joelhos. Murmurava qualquer coisa que eu não conseguia compreender.

— Meu anjo! — Baixei-me à sua frente e abanei-a quando não me respondeu. — O que aconteceu, Diane?

— A Jane — disse baixinho. — A minha irmã odeia-me. Não tenho para onde ir. Estou sozinha. — A sua voz não sugeria dúvidas, e o Alex suspirou à porta da casa de banho.

— Tu não estás sozinha. — Puxei-lhe os braços. — Olha para mim, eu estou aqui.

Tinha os olhos vermelhos e o rosto molhado. Ajudei-a a levantar-se e encaminhei-nos para fora do estabelecimento, para o ar frio da manhã.

— Eu não quero ir, Jeffrey — disse quando nos aproximámos do carro.

— Vamos ver a Anna — comecei, mas ela deu-me um esticão no braço e parou.

— Eu não quero ir. Quero ir para casa.

Olhei para ela, e vi-lhe a expressão determinada no rosto.

— Já estamos perto — disse o Alex. — Não tinhas feito um bolo para ela?

— A Diane assentiu. — Vamos lá, dás-lhe o bolo e depois, se quiseres, levo-te de volta para o *Motel*.

Olhou para mim algo reticente.

— Eu não saio de perto de ti — encorajei-a e estendi-lhe a mão. — Eu prometo.

A minha namorada olhou para o alarme que ainda segurava nas mãos e depois para o carro a ponderar. Assentiu ligeiramente e arrastou-se lá para dentro como se os pés lhe pesassem toneladas.

— Obrigado — disse ao Alex.

— Temos de ir. — Olhou para o relógio. — Tenho sítios para estar depois de vos deixar em casa da Anna.

Seguimos viagem comigo a conduzir e o Alex fechou os olhos para dormir. Desconfiava que não dormia há dias e perguntei-me o que andaria ele a fazer. Tinha de arranjar uma forma de estar sozinho com ele.

Olhei pelo retrovisor, a Diane continuava a olhar pela janela, mas já não sorria. Estava outra vez a olhar para o vazio.



— Alex! — chamei-o quando saímos da via rápida e entrámos na vila. — Estamos a chegar.

Ele espreguiçou-se e olhou para a rua.

— Vai por ali. — Apontou para um cruzamento que dava à rua que passava por detrás do *Esplanada*.

— Porquê? — perguntei, mas quando o olhei de relance e o vi olhar para a minha namorada, lembrei-me. Se passássemos em frente à escola íamos passar em frente à casa dela e ela veria que está à venda.

Contornei a vila por fora até dar com o emaranhado de vivendas pequenas e desalinhadas aonde a Anna morava.

A casa dela devia ser a mais pequena de todas. A tinta amarela estava a lascar e, na parte da frente, apenas se viam duas janelas, uma ao lado da porta e outra no andar de cima. O pátio era minúsculo e estava ocupado quase na sua totalidade pelo *Ford Fiesta* preto do Jake.

— Vou ligar-lhe — disse o Alex.

Mas nesse instante, a porta da rua abriu-se e a Anna saiu de lá a correr. Vinha descalça e vestida apenas uma *sweater* que lhe dava pelos joelhos.

Mal a Diane teve tempo de tirar o cinto de segurança e ela já a puxava para fora do carro. Sufocou-a com abraços e beijos no rosto e, quando se afastou para a olhar de alto a baixo, estava a chorar.

— Oh! Deuses! Nem acredito! — Fungou quando eu saí e olhou para mim. — Não andas a dar-lhe de comer. Ela está mais magra. Até que enfim que fazes alguma coisa de jeito — atirou ao Alex.

De certa forma, tinha saudades disto. O grupo. Aquela interação entre a Anna e a Diane e todos eles. Talvez lhe fizesse bem.

— As minhas férias são uma bênção — respondeu o rapaz ao meu lado com as mãos nos bolsos. — Eu sei que estamos no verão, mas não tens frio? — perguntou sarcasticamente.

— Oh, quero lá saber! Vamos lá para dentro. — A Anna segurou numa mão da Diane e tirou-lhe o saco do bolo da outra e arrastou-a para o interior da casa.

— E eu vou-me embora — anunciou o Alex. — Venho buscar-vos depois do almoço.

— Até já — despedi-me.

A Diane ia arrastada atrás da Anna, mas olhava por cima do ombro a confirmar se eu ia com elas.

A porta da rua dava para uma *kitchenette*. Havia um sofá velho de três lugares e uma televisão, à direita, e uma bancada de cozinha e uma mesa com quatro cadeiras, à esquerda. A casa era tão pequena por dentro como parecia por fora. De frente para a porta havia uma escada em madeira velha para o andar de cima e, por baixo dela, estava uma pequena casa de banho de serviço.

— O Jake está a tomar banho. Eu vou só vestir-me e volto já, está bem? — Subiu os degraus aos saltinhos e guinchinhos. Durante esse tempo, a Diane manteve-se muda.

Quando ela desapareceu do campo de visão, sentámo-nos no sofá.

— Estás bem? — perguntei-lhe.

— Sim — sorriu. Tinha os olhos aguados. — Ainda bem que viemos. — Abriu o saco e tirou de lá a caixa com o bolo. — Espero que ela goste.

— Claro que vai gostar. Olha... — Fi-la olhar para mim. — Sabes que a Anna pode falar de alguma coisa que tu não gostes, não sabes? — Ela assentiu. — Se ela o fizer, tem calma. Não te esqueças que ela tem saudades tuas.

— Eu sei. — Olhou para o chão. — Mas espero que ela não diga nada sobre... — calou-se.

— Não deve dizer. — Pousei-lhe a mão na perna. — Não te esqueças que estamos aqui para ti.

Quando a Anna tornou a descer, vinha mais composta. Trazia o cabelo preto apanhado, umas calças de ganga pretas justas e uma *sweater* larga.

— Vamos lá então — disse, virando-se para o lado da cozinha e tirando de um dos armários um cinzeiro. Depois veio sentar-se à nossa frente, no chão, de pernas cruzadas. — Onde estiveram? O que fizeram todo este tempo?

— Não tinhas deixado de fumar? — perguntou a Diane.

— Depois de tudo, sinto-me no direito de descomprimir. Quero dizer, sabes que o Lucas...

— Os teus pais? — perguntei, interrompendo-a em sobressalto.

A Anna olhou para mim por alguns segundos até eu fazer um gesto na direção da amiga e ela entender.

— Certo, desculpem. Os meus pais estão de férias e foram ver a minha avó. Voltam amanhã — explicou um tanto ressentida.

— Como é que eles estão? — perguntou a Diane como se nada tivesse acontecido.

— Estão bem. Sabes como é que eles são, alheios a tudo. Mas e vocês? Como estão? — Voltou ao assunto.

— Nós arranjámos uma casa — atirou para o ar. Não olhava para nenhum de nós, olhava para o chão, mas sorria. — É acolhedora, mas é nossa. — Virou-se para mim.

— Talvez arranjemos melhor — tentei.

— Com o tempo, talvez, mas estamos bem lá. Ou não? — A Diane caminhava contra ela própria.

— Claro que sim, mas se calhar precisamos de uma cozinha a sério — sugeri.

Estudou-me por segundos e depois respondeu:

— Talvez tenhas razão. — Levou uma unha à boca. — Como é que vamos explicar isso à Elaine?

— De certeza que ela compreende — garanti.

— Quem é a Elaine? — perguntou a Anna, lembrando-nos da sua presença.

— A senhoria.

— A dona do *Motel* — dissemos, um por cima do outro.

— Não estou a compreender. — Enrugou a testa.

— Bom dia! — O Jake vinha a descer as escadas descontraído. Trazia uma *t-shirt* branca por cima de umas *jeans* pretas e, assim como a Anna, o seu cabelo não era cortado há muito tempo. — Então, mano? — Estendeu-me uma mão. — Essas férias?

— Foram longas — sorri.

— E tu, Diane. Tudo bem?

Ela olhava-o meio confusa, como se não se lembrasse dele e, quando não lhe deu resposta, o Jake virou-se para a namorada.

— O David mandou-me uma mensagem a dizer que vêm agora.

— Boa! Estou cheia de saudades. — A Diane saltou no sofá voltando a si. — Anna, posso usar a casa de banho? — perguntou.

— Desde quando é que precisas de perguntar? Estás em casa, fofa! — sorriu-lhe em resposta.

— Regras da boa educação. Vou lá acima se não te importas.

— Claro.



Capítulo 4

Vimo-la subir as escadas em silêncio e, depois, a Anna sussurrou: — O que raio se passa com ela? Alugaram uma casa? — atirou com gestos frenéticos. — Desde quando é que a Diane usa saia casualmente?

— Ela não me reconheceu, pois não? — perguntou o Jake.

— Calma — suspirei exausto. — Eu também ainda estou a tentar perceber. O que é que o Alex vos disse?

— Disse que ela estava com um trauma, mas aquela já nem é a Diane! — respondeu frustrada.

— Eu acho que a Diane ganhou a personalidade da Janet — comecei. — Estes dois meses foram de pura negação. Ela raramente saiu do quarto que alugámos sem ser para apanhar flores. E uma vez, quando tentei falar do que aconteceu, começou a fazer bolos quase todos os dias e a limpar o quarto até ao último grão de pó. Deviam ver como fica quando ouve o nome da irmã. — Esfreguei o rosto.

— Parece crítico. Nunca ouvi falar de uma síndrome traumática assim — comentou o Jake. A Anna estava de olhos esbugalhados.

Alguém bateu à porta nesse momento, e a rapariga levantou-se do seu lugar.

— *Okay*. Não te passes, mas a Diane não foi a única a passar por mudanças.

— Como assim? — perguntei, mas tive a resposta quando ela abriu a porta e fiquei boquiaberto.

O David entrou normal, com o seu estilo arrumado e apresentável e o sorriso afável, mas a Mary Anne era uma figura completamente diferente. Onde antes havia um cabelo cacheado loiro, agora havia metade de uma cabeça rapada e tinta azul nas pontas. O que antes eram uns lábios rosados agora sobressaíam com batom roxo. Os olhos azuis estavam delineados a preto, assim como toda a sua roupa. Havia mudado por completo e, agora, nada mostrava a sua delicadeza.

— Bom dia! — cumprimentou o David descontraído.

— Estás a olhar para mim de boca aberta, Jeff — constatou a rapariga.

— Desculpa. Estás diferente — respondi.

— Oh, não... — murmurou a Anna.

— Estou? — perguntou rude, franzindo o nariz. — Precisava de mudar há algum tempo. Ou pensaste que só a Diane precisava de bazar daqui? Se ela deixou tudo para trás e não quis saber de mais nada, talvez não se incomode tanto como tu.

— Mas que... — comecei.

— Diane! — gritou a Anna, fazendo-me olhar para as escadas.

A minha namorada parara num dos degraus e olhava para a amiga com uma expressão carregada.

— Estás com algum problema, Mary Anne? — perguntou, calmamente.

— Eu? Não! Não fui eu que fugi com o rabo entre as pernas — sorriu, carregada de sarcasmo.

— Eu não fugi. — Quase podia senti-la tremer.

— Pois não. A Diane que eu conhecia não deixava os amigos para trás. Foste só passar férias com o teu namoradinho, enquanto nós ficamos cá a segurar o barco — disse escarninha.

— Qual barco?

— Aquele em que nos deixaste. Ou pensaste que ficava tudo bem só porque te ias embora? Alguém tinha de limpar a cagada que fizeste. — Cruzou os braços sem desfitar a Diane.

— Fofa, já chega — disse a Anna, meio a medo.

— Esperei dois meses para lhe dizer umas coisas. — Sacudiu o cabelo. — Achaste que eras a única a precisar de descanso? Quando fugiste ficámos todos à espera de ficar com a cabeça a prémio.

— Não percebo o que queres dizer. Mas se tens assim tanta coisa entalada, deita cá para fora. — A Diane acabou de descer as escadas e, apesar de estar uma em cada ponta da divisão, ficaram frente a frente. — Ficaram com a cabeça a prémio porquê?

— Bem, porque o Lucas está vivo! — Nunca imaginara como a Mary Anne ficaria assustadora com a frustração. — A tua irmã continua a ligar com ameaças! E os cãesinhos deles continuam por aí!

— O Lucas? Porque é que a Jane havia de vos ameaçar? — Ela começou a ceder e eu aproximei-me dela, mas ela não me deixou tocar-lhe. Afastou-me com um safanão.

— Estás parva ou quê!? Já te esqueceste do que aconteceu? — A Diane não lhe respondeu. — Pois é, fofa! Atiraste-nos às raposas e fugiste com o rabo entre as pernas.

— Já te disse que não fugi. — Cerrou os punhos.

— Não te faças de inocente! — gritou. — Claro que fugiste, como uma cadela assustada!

Sem responder, a minha namorada atravessou a divisão e deu-lhe uma bofetada com tanta força que o som ecoou pelas paredes, deixando-nos a todos estupefactos.

— O que farias tu no meu lugar? — murmurou, olhando-a nos olhos. — Vocês não ficaram com a cabeça a prémio. Eu e o Jeffrey é que ficamos. Vocês tinham o Alex, nós não tínhamos ninguém. Se estás assim tão furiosa comigo, tens bom remédio. A casa não é minha, mas a porta da rua faz serventia. Até te digo mais. Se te incomodo tanto, eu faço-te a vontade.

Contornou-a, saindo para a rua e eu fui ao seu encalce.

— Diane! — chamei-a.

— Vais fugir outra vez? — gritou a Mary Anne da porta.

Virei-me para trás.

— Podes parar? — ralhei.

— Vais defendê-la, claro — constatou. — Não sei porque é que vieram.

— Eu não sei o que te vai na cabeça, mas se achas que foi difícil para vocês, não imaginas como foi connosco.

— Não foi fácil. Mas acho que ficamos muito melhor sem vocês. Se voltaram significa que vamos voltar a ter problemas.

O David murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido e ela fulminou-o com o olhar.

— Jeff, a Diane? — perguntou a Anna saindo para a rua.

Varri a rua com o olhar, mas não a encontrei. Fui até à berma da estrada, mas não a vi em lado nenhum.

— Merda! — disse.

— Sabes que a polícia andou a fazer perguntas? — perguntou a rapariga, ainda à porta. Olhei dela para o David. — Quando vocês bazaram, alguém teve de lhes explicar o que aconteceu, não é?

— O que é que tu queres? — atirei.

— Quero que vocês respondam pelos vossos atos!

— Já chega, Mary — silvou a Anna.

— Não, não chega! — gritou. — Todos nós matamos pessoas e tivemos de mentir por isso!

O David girou a cabeça, preocupado que a ouvissem. Tentou agarrá-la no braço.

— Larga-me. — Sacudiu-o, encaminhando-se para mim. — Todos temos de assumir o que fizemos, a Diane não é exceção. Mas espera, ela não matou ninguém, pois não? Ela não disparou um tiro que fosse. Não sujou as mãos!

— Ela avisou-vos que as coisas não eram simples. Se não gostas do sítio onde estás, culpa-te a ti própria. Nunca quisemos chamar a polícia, foste tu que os chamaste.

— Alguém tinha de o fazer.

— Então não culpes a Diane. — Virei-lhe as costas e comecei a subir a rua. Ela não podia estar longe.

Tirei o telemóvel do bolso e marquei o único número da lista.

— *Agora não é uma boa hora* — disse o Alex quando atendeu. Ouvi gritos de uma mulher do outro lado.

— Estás com a Bea?

— *Sim, é urgente?* — perguntou.

— A Diane fugiu.

— *O Jake não te pode emprestar o carro dele? Vou demorar aqui.*

— Está bem. — Desliguei.

Olhei para trás e o Jake já vinha a sair de marcha-atrás com o carro. Parou a meu lado e eu entrei.

— Miúdas... — comentou. — Fazes ideia de onde ela possa ter ido?

— O único sítio que me ocorre é a casa dela, mas espero que não tenha ido para lá.

— Se tiver tomado essa direção, chegamos lá antes dela. — Pôs o pisca e virou no primeiro cruzamento.

— Ela não pode ver a casa. Ainda não — disse-lhe.

— Não te preocupes, encontramos-la antes disso.

Fizemos um minuto de silêncio enquanto eu a procurava pela rua.

— Não te chateies com a Mary Anne. — O Jake estava calmo. — A cena de ter disparado sobre o Lucas mexeu mesmo com ela.

— Ela não foi a única a ficar com o sistema em curto-circuito — respondi-lhe. — Vocês são da mesma opinião que ela?

Não quis dar muita importância ao assunto, mas não consegui evitar estudar-lhe o rosto.

— Não. Por acaso eu até acho que as coisas não podiam ter corrido de outra forma, ou um de nós não estaria cá hoje.

— A sério?

— Sim. Se tivéssemos chamado a polícia antes, teriam feito alguma coisa à Diane ou a ti. Se não tivéssemos chamado a polícia de todo, provavelmente o Lucas tinha arranjado forma de contra-atacar. Assim, pelo menos, tivemos tempo de acalmar os ânimos, agora é ver.

— Não me parece que a Mary Anne tenha aproveitado para se acalmar.

— Pelo que a Anna me disse, ela era a mais sensível do grupo. Por isso,

talvez fosse de esperar. — Olhou-me de relance. — Assim como a Diane. Se andavam as duas a fazer-se de fortes, desabaram.

— É possível. — Limitei-me a dizer.

Passámos em frente à casa da Diane pouco tempo depois. Efetivamente, havia uma placa à entrada com o letreiro de venda e todos os estores estavam fechados, mas nem sinal da minha namorada.

— Achas que está lá dentro? — perguntou o Jake.

— Não teve tempo de cá chegar.

— Então e agora?

Olhei para o fundo da rua e perscrutei o pinhal à frente da casa. Não a via em lado nenhum. O telemóvel do Jake começou a vibrar em cima do *tablier*, e ele atendeu em alta voz.

— Diz.

— *Fofo...* — Era a Anna. — *Ela está aqui no Esplanada. Está a beber um batido. Ela nem gosta de natas!*

— Não saias daí.

O Jake tornou a pôr a primeira e seguiu pela rua. Paramos no parque de estacionamento do outro lado do café, ao lado do carro do David, onde a Mary Anne estava sentada a mexer no telemóvel como se nada fosse.

Entrei no *Esplanada*. O David, a Anna e a Diane estavam sentados numa mesa do canto. O Jake acenou ao rapaz que estava a trabalhar e pediu cafês para todos. A minha namorada estava sentada tranquilamente com um dos copos enormes de batido à frente, as duas mãos por cima da mesa, uma por cima da outra.

— Deixámos o bolo em casa da Anna — disse ela, quando me sentei ao seu lado. — É de frutos vermelhos, espero que gostes — sorriu para a melhor amiga.

— Eu gosto de qualquer bolo — garantiu. — Estás bem?

— Claro que sim, a Mary Anne está só nervosa — disse com um ar maternal. — Temos de a deixar acalmar-se.

— Não acredites muito nisso — disse o David e vi-lhe amargura no rosto.

— Dave... — começou a Anna. — Ainda há esperança de que ela volte a si.

— O que é que interessa? — perguntou chateado. — Ela já não é a pessoa com quem comecei a namorar.

— Estás outra vez a falar como se fosses acabar com ela — disse a rapariga.

— Talvez acabe.

— Já compreendo de onde vem todo o *stress* que ela está a sentir. — A Diane inclinou-se para a frente. — Se calhar a Mary Anne também sente

que estás a pensar em acabar a relação e isso dói. Porque é que queres acabar com ela, David?

— Estás a brincar? — O rapaz mexia a colher dentro da chávena e parou.

— Ela não está assim por minha causa.

A Anna massajou a testa com um suspiro.

— Tu é que queres acabar com ela — insistiu a Diane.

— Porque a forma como te tratou há bocado, é a forma que me tem tratado nos últimos dois meses — explicou revoltado.

— E o que é que poderá ter acontecido nesse tempo que a fez mudar de atitude? — perguntou com a maior naturalidade do mundo.

Durante muito tempo ninguém falou, até eu fiquei estupefacto a olhar para a sua pose de psicóloga, sem saber o que lhe dizer.

— Não te lembras de nada? — teimou.

— Fofa, acho que precisamos de falar — disse a Anna.

— Se calhar chega por hoje. — Olhei para ela com uma expressão de aviso.

— Desculpa, Jeffrey, mas isto tem de acabar, se não vamos perdê-la de vez.

— Anna, vamos dar-lhe tempo. Acabámos de voltar.

— Nada melhor do que cortar o mal pela raiz. — Voltou o corpo para a melhor amiga. — Tu não te lembras mesmo ou só estás a reprimir as memórias?

— Estás a falar do quê, exactamente?

— Tens de acordar para a vida, fofa.

— Anna. — Tentei fazer com que ela parasse, mas ela acenou com a mão como se sacudisse uma mosca.

— Diane, aconteceram coisas sérias e tu sabes que te lembras. Coisas que nos envolvem a todos, à tua irmã e ao Lucas, o coordenador do curso. E eu sei que te custa, depois do que te aconteceu, recordares isso, mas tens de te lembrar. Não é a guardares isso num canto do teu cérebro que vais conseguir superar.

— Eu estou bem como estou — respondeu ligeiramente pálida. — Só não vejo motivos para falar disso quando já passou.

— Achas mesmo que já passou? — atirou o David exaltado.

— Bem, o Lucas está morto, não está? Vou procurar a minha irmã e levá-la para minha casa com o bebé.

Então ela lembra-se.

No entanto, aquela conversa não era propriamente positiva.

— O Lucas não está morto — repetiu o David exasperado, como se a confusão da Diane fosse ridícula. — A Mary Anne disse-te! E duvido que a tua irmã fique feliz em ver-te.

— Estás a dizer isso para me magoares. — Apertou os dedos em torno do copo de batido.

— Fofa... não está — disse a Anna num murmúrio.

— A Janet vai ficar feliz em ver-me — disse ela. — E se não se importam, eu gostaria de mudar de assunto.

— Vais fechar-te na mesma bolha?

Todos virámos as cabeças em direção à entrada do estabelecimento. A Mary Anne estava encostada à ombreira da porta, a mascar uma pastilha elástica com os braços cruzados. Era uma imagem absolutamente fora do contexto.

— Desculpa?

— A história vai repetir-se novamente? Primeiro foi a morte dos teus pais e agora a semi-morte da tua irmã?

— Mary... — O David levantou-se da cadeira. — Vamos embora.

— Ouve bem, Diane, que só vou dizer uma vez: é melhor que enfren-tes o que aconteceu depressa como todos nós fizemos, ou quando acordares vai ser tarde demais. — Fez o gesto de uma bomba a explodir na cabeça e desencostou-se da porta.

— Vamos, se faz favor — repetiu o seu namorado.

— É para já — sorriu à Diane e ambos saíram do *Esplanada*.

